



## ATIVIDADE MULTIDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS POR MEIO DE RECURSO FÍLMICO

**Ana Santana Moreira**

Secretaria de Estado da Educação de Goiás

[ana1fisica@gmail.com](mailto:ana1fisica@gmail.com)

**Elisandra Pazzini**

Secretaria de Estado da Educação de Goiás

[elisandrapazzini@gmail.com](mailto:elisandrapazzini@gmail.com)

**José Alaor da Costa**

Secretaria de Estado da Educação de Goiás

[h2oalaor@hotmail.com](mailto:h2oalaor@hotmail.com)

Apresentamos, em uma perspectiva interpretativa e autorreflexiva, as problematizações decorrentes da investigação sobre os saberes e conhecimentos de nós professores da e na escola explicitados nas narrativas pedagógicas escritas em uma proposta multidisciplinar. Essa atividade foi realizada em maio de 2020, no contexto pandêmico da Covid-19, com aulas no sistema do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Na escola em que nós trabalhávamos as aulas ocorriam, nesse período de isolamento social, somente via *WhatsApp*. A proposta de intervenção pedagógica aconteceu em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Terceira Etapa (Ensino Médio) no Colégio Estadual Solon Amaral, na periferia da capital de Goiás, integrando dois componentes curriculares: Matemática e História.

A ideia surgiu em um momento de lazer, em que uma das autoras assistiu ao filme *O Jogo da Imitação* e percebeu que poderia relacioná-lo com as disciplinas mencionadas acima. Conversou com os dois professores de História do turno noturno e, juntos, elaboramos e executamos a proposta. Desse modo, o objetivo da atividade foi utilizar uma linguagem cinematográfica para auxiliar a leitura de mundo, estabelecer relações entre o saber científico e a realidade dos educandos que permitisse uma reflexão crítica do contexto histórico, social, político, econômico do início do século passado. Sendo assim, trabalhamos com o filme, numa proposta multidisciplinar entre Matemática e História, abordando a construção do primeiro computador e a segunda guerra mundial. Essa metodologia facilitou a



aprendizagem por trabalhar com emoções, recursos audiovisuais e tornou a aula dinâmica e atrativa.

A proposta foi desenvolvida em uma semana de aulas de Matemática e História perfazendo um total de cinco aulas. O plano de aula da semana consistiu em passar o *link* do vídeo no *Youtube* para o aluno assistir. Caso ele não pudesse ou não quisesse assistir poderia pesquisar o resumo do filme. O educando podia discutir e refletir sobre os assuntos abordados por meio de áudios com o docente. Ao final, deveria escrever e responder no caderno as cinco questões elaboradas pelos professores de Matemática e História sobre o contexto do filme. Ao término dessa atividade, o discente deveria tirar foto do caderno e enviar para os professores das duas disciplinas.

Os materiais utilizados foram: celular, computador ou televisão com conexão de internet para transmissão do filme completo, que está disponível no canal do *Youtube* e em outras plataformas digitais, além de papel e caneta ou lápis para anotar as questões enviadas pelo grupo do *whatsApp* ou pelo aplicativo *Google Classroom* e respondê-las.

As questões propostas foram: 1) Você gostou do filme? Qual parte você gostou mais? Explique. 2) Qual o contexto social no filme se assemelha muito com os dias de hoje? Explique. 3) Qual o conceito matemático usado no filme que usamos até hoje? 4) História e Matemática, como essas disciplinas se complementam no filme? 5) Explique como as leis atuais têm evoluído em relação ao preconceito e discriminação contra homossexuais.

Alguns alunos disseram que não compreenderam as questões. Para solucionar essa dificuldade gravamos áudios com explicações e exemplos de como responder as questões. Dessa maneira percebemos a importância de elaborar questões discursivas que não dê margem à dúvida. Para isso, é essencial usar uma linguagem simples e objetiva, usar elementos suficientes para que o aluno entenda com precisão o que ele deve responder, além de planejar conforme a metodologia de ensino que foi aplicada em aula (uma forma de fazer isso é pensar se a atividade avaliativa está avaliando uma aprendizagem memorizada, uma aprendizagem compreensiva ou uma aprendizagem crítica), levar em conta a correção linguística e o nível de ensino para o qual a avaliação está destinada.



Como a proposta foi aplicada para alunos da Educação de Jovens e Adultos, a faixa etária compreendida dos alunos era de 18 a 55 anos. Em sua maioria mulheres e jovens que estavam em condições precárias de subsistência porque, apesar do isolamento, eles estavam trabalhando na informalidade ou desempregados, ou seja, com escassos recursos financeiros. Por isso, muitos não tiveram nem condições de assistir ao filme por não ter internet na sua residência. Em torno de 50% dos discentes não realizaram a atividade.

Devido à memória restrita do celular e computador dos docentes, do pequeno espaço compartilhado por todos os professores da EJA, do aplicativo usado pela escola, não foi possível arquivar as fotos das atividades realizadas pelos discentes para transcrever as respostas ou disponibilizar a imagem do caderno. Soma-se a isso, o fato de que na época não imaginamos surgir, em um evento nacional, a possibilidade de narrar uma de nossas práticas pedagógicas.

Em relação aos estudantes, muitos disseram que foi surpreendente o uso pedagógico de um filme nas aulas de Matemática e gostaram da relação abordada sobre a história do primeiro computador e a segunda guerra mundial, além de ser um momento de socialização com a família e aprendizagem prazerosa, e até único, para os trabalhadores estudantes. Sendo assim, percebemos que “cinema e matemática podem estar juntos para a promoção do ensino e da aprendizagem de matemática” (COELHO; VIANA, 2013, p. 1). Assim, “educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético.” (CARMO, 2003, p. 77). Todavia, alguns alunos disseram não gostar de assistir filmes, de uma maneira geral, e reclamaram da aula.

A maioria dos educandos relatou que não sabiam quando e nem como surgiu o projeto do primeiro computador. Para muitos, o que chamou a atenção no filme foi a importância e representatividade da mulher na equipe que decifrou os códigos. Falaram sobre a homofobia existir a tanto tempo e mesmo assim continuar os ataques, cada dia mais violentos, a todos que não se encaixam no perfil de sociedade patriarcal e heteronormativa. Dentre os comentários dos alunos, que lembramos, esses foram os temas que mais chamaram a atenção deles.



Todavia, o filme possibilita reflexões acerca de temáticas como discriminação, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), superdotação e *bullying*. Dirigido por Morten Tyldum, lançado no Brasil, em 2015, é uma cinebiografia acerca da vida do matemático inglês Alan Turing (1912-1954) que é considerado por muitos como sendo o “pai” da ideia moderna de computador. É uma produção cinematográfica baseada em uma história real escondida por cinco décadas após o fim da segunda guerra mundial. Contudo, devido ao contexto de aulas remotas, só enfatizamos a invenção da ideia do computador e o contexto histórico do longa-metragem. Se fosse em aulas presenciais, poderíamos refletir e trazer para o debate em sala de aula várias temáticas que são polemizadas na obra cinematográfica.

Diante disso, analisamos outras possibilidades de utilizar o mesmo filme de uma forma interdisciplinar que envolva todos os componentes curriculares que Fazenda (1992, p. 39) situa como “(...) uma relação de reciprocidade, da mutualidade, ou melhor dizendo, um regime de copropriedade que iria possibilitar o diálogo entre os interessados”, contudo não traz uma definição. Esclarece que para acontecer a interdisciplinaridade deve haver explicitação das relações entre as matérias e não cada professor trabalhar sozinho o tema escolhido. Nesse sentido, um trabalho interdisciplinar deste gênero é muito produtivo, pois permite enxergar um objeto de estudo por diferentes perspectivas.

No que concerne à avaliação, nós consideramos à época, somente se o aluno fez a atividade escrita e se as respostas estavam coerentes com o filme. Entretanto, não tinha como assegurar que realmente o educando assistiu a obra cinematográfica ou que realmente foi ele que respondeu as questões a partir de pesquisas na internet. Assim, analisando as necessidades dos alunos da EJA, no contexto presencial pensamos que uma proposta avaliativa adequada deve levar em consideração os erros e as atividades corretivas como situações didáticas para as novas aprendizagens (MARANHÃO, 2007).

Dessa maneira, uma proposta avaliativa, em um contexto de aulas presenciais, é sugerir que cada educando faça uma produção textual, de qualquer gênero, imaginando que é um cientista no atual contexto da sociedade. O professor pode solicitar que descreva algo que queira produzir ou descobrir e justificar o motivo. Os textos podem ser feitos durante as aulas. Além disso, pode-se trabalhar a leitura desta composição fazendo uma troca entre os



pares, ou seja, um colega lê a redação do outro. Salientamos que esta é uma proposta de ensino usando filmes de ficção e trazemos outra sugestão para que os professores possam usá-las em suas aulas. Portanto, não é um manual de instruções pronto a serem seguida e sim uma proposta sujeita a adequações, levando em consideração as necessidades e a realidade dos seus estudantes.

Nessa perspectiva, compreendemos a necessidade de que uma “análise rigorosa e científica da própria prática poderá auxiliar no processo de desenvolvimento da autonomia docente, condição para a superação da alienação entre teoria e prática.” (RANGEL, 2020, p. 17). Isso é corroborado pelo patrono da educação brasileira ao afirmar que “pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

Ao descrever uma proposta didática executada na educação básica, nós, professores, refletimos sobre nossa prática, além de buscarmos o aporte teórico para dar a sustentação e embasamento teórico necessário. Nesse sentido, Marques e Satriano (2017, p. 377) coadunam ao afirmarem que “a pesquisa auto narrativa fundamenta-se na descrição, reflexão e introspecção tanto intelectual quanto emocional do narrador (em sintonia com autores escolhidos por ele dentro de um contexto sociocultural para interlocução teórica) e do leitor/interlocutor da narrativa”.

Portanto, compreendemos ser essencial a divulgação de todas as práticas pedagógicas desenvolvidas na educação básica, principalmente na EJA, em que as produções de materiais didáticos são incipientes (MELLO, 2015), para que outros profissionais da educação se apropriem da produção de outras práticas e não se sintam sozinhos. Dessa maneira, “os profissionais da educação podem resgatar sua condição de sujeitos – sujeitos da e na escola. A narrativa das experiências vividas na escola [...] promovem o relacionamento e tessitura de muitas histórias pessoais e profissionais.” (PRADO; FERREIRA; FERNANDES, 2011, p. 151)

Enfim, por meio da construção de narrativas pedagógicas, nós, professores, reconstruímos nossas próprias experiências de ensino e aprendizagem e nossos percursos de



formação. Além disso, temos a oportunidade de analisar, refletir e reformular uma proposta didática já realizada potencializando um processo autorreflexivo pedagógico.

## REFERÊNCIAS

CARMO, L. O Cinema do Feitiço Contra o Feiticeiro. **Revista Iberoamericana de Educação**. n. 32, maio-agosto de 2003, p.71-94.

COELHO, R. M. F.; VIANA, M. C. V.; Utilizando Filmes na Educação Matemática. In: **VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática**, Canoas – RS, 2013.

FAZENDA, I. C. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARANHÃO. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Digna**: caderno de orientações pedagógicas - caderno de Avaliação de Aprendizagem. – São Luís, 2017.

MARQUES, V., SATRIANO, C. Narrativa autobiográfica, do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília-DF, v. 23, n. 51. p. 369-386, jun./set. 2017.

MELLO, P. E. D. Programas de Materiais Didáticos para a EJA no Brasil (1996-2014): trajetória e contradições. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 10, n.1, p. 80-99, jan./abr. 2015.

PRADO, G. do V. T.; FERREIRA, C. R.; FERNANDES, C. H. Narrativa Pedagógica e Memoriais de Formação: escrita dos profissionais da educação? **Revista Teias**, v. 12, n. 26, 143-153, set./dez. 2011.

RANGEL, D. R. **Narrativa pedagógica de um professor de história utilizando gamificação**. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2020.